

cR

Centro
de Referência
Paulo Freire

**Este documento faz parte do acervo
do Centro de Referência Paulo Freire**

acervo.paulofreire.org



InstitutoPauloFreire

Paulo Freire

Uma Lição Que Fica

Cristina Schroeter Simião

Foi em 1962 que o conheci pela primeira vez. Jovem entusiasta apresentava, em um seminário na PUC do Rio de Janeiro, sua maneira de encarar a natureza, o homem, e o mundo em toda a riqueza de interações que este trinômio envolve. E eu, jovem universitária, porém sem o mesmo entusiasmo, ouvia atenta e à medida em que ouvia aquele caleidoscópio de idéias vibrantes e cheias de vida, sentia que uma nova compreensão sobre mim mesma e sobre os seres humanos se revelava. Era como se uma venda se desprendesse dos meus olhos. Eu não tinha a menor preocupação com a alfabetização.

Estava mesmo era envolvida com práticas sociais e políticas. Fiquei perplexa quando descobri, naquele seu jeito espontâneo, naquele seu linguajar nordestino ao mesmo tempo suave e aguerrido de falar, o que vinha me faltando em todas as minhas práticas sociais e políticas com os setores populares: uma pedagogia de mudança social totalmente diferente, que seria o instrumental que eu procurava nas minhas intervenções sociais.

Uma pedagogia de mudança social que permitiria fazer com que minhas práticas de intervenção social e política desencadeassem nos grupos humanos com os quais eu desenvolvia ações comunitárias um processo de transformação nas pessoas, como uma bola de neve, que jamais pararia e seria capaz de gerar um mundo novo.

Dalí em diante, ninguém mais me seguraria. Era como se eu tivesse descoberto uma alavanca. Eu me senti com vontade de sair correndo e gritar o famoso "EUREKA" (o "achei!" de Arquimedes). E foi o que fiz.

Lembro-me bem, logo em seguida tivemos uma aula de religião com D. Estêvão Bittencourt, que por ter chegado um pouco antes, ouviu parte da palestra. D. Estêvão, durante a aula, fez uma crítica ao que entendera como sendo uma inverdade



Paulo Freire em visita a Aditepp na comemoração dos dez anos de nossas atividades, em 1982.

falada por "este senhor". "Este senhor" havia dito que, "o homem, ao transformar a natureza em mundo faz-se um ser Criador". Esta seria uma inverdade do ponto de vista cristão, porque "só Deus é Criador...". A discussão tomou a aula todinha e serviu para que eu me afirmasse mais ainda em minha descoberta e na certeza de que, com Paulo Freire eu estava renascendo para o verdadeiro sentido do cristianismo vivo e vivido e não do cristianismo cristalizado. A certa altura, D. Estêvão, já exaurido em sua tentativa de aplacar a fúria que despertava em todos os estudantes que, como eu, estavam entusiasmados pelo que perceberam na proposta de Paulo, soltou o desabafo "Até tu, Cristina!", mostrando assim a perplexidade das mudanças que estavam ocorrendo na sua mais comportada aluna de religião. Por mais admiração que tivesse, e ainda tenho por D. Estêvão, não havia argumento que me fizesse acreditar que a pedagogia proposta por Paulo Freire trouxesse inverdades do ponto de vista cristão. Ao contrário sentia-me mais cristã nela.

Desde então não parei mais, sobretudo depois da memorável oportunidade de ter podido ler e opinar sobre a "Pedagogia do Oprimido" quando ainda estava em manuscrito. Na pedagogia de Paulo me movimentei, cresci, fiz e refiz o mundo envolta nos mundos dos quais fazia e faço parte.

Seguiram-se anos duros, como todos sabem, mas Paulo, mesmo longe estava sempre presente: presente na pedagogia das Comunidades Eclesiais de Base dos anos 70 que com tanto vigor se espalharam pelo Brasil afora; presente nas novas práticas de

Fiquei perplexa quando descobri, naquele seu jeito espontâneo, naquele seu linguajar nordestino ao mesmo tempo suave e aguerrido de falar, o que vinha me faltando em todas as minhas práticas sociais e políticas com os setores populares

Ação Pastoral que se desenvolveram na segunda metade da década de 70; presente na ação metodológica das poucas ONGs da época, que, como a ADITEPP, mesmo com a dura repressão do regime militar conseguiam manter vivas entre educadores, religiosos e setores populares a consciência de que não existe educação e não existe desenvolvimento humano justo, sem a prática da liberdade.

Mais encantadora foi minha descoberta quando, na França, ao apresentar minha proposta de pesquisa, toda ela baseada em Paulo Freire e Gramsci, para a obtenção do Diploma de Altos Estudos em Práticas Sociais, alguns membros do Conselho Científico da Universidade ponderaram que minha proposta era interessante porque associava os dois maiores vultos da história contemporânea no que diz respeito a compreensão e proposição de processos de mudança social: Gramsci e Freire.

E quão duro foi constatar que, após a sua volta ao Brasil e até hoje, muitos colegas, companheiros de caminhada, pedagogos, militantes, ONGs e outras instituições empenhados em processos de mudança social ainda o vêem apenas como "um entre outros", "já ultrapassado", "proponente de uma pedagogia superada". Com certeza uma visão equivocada do que Freire representou e representa para os processos de mudança social dentro de uma perspectiva libertadora e de permanente redescoberta e recriação do mundo.

Lamentamos a perda da pessoa querida de Paulo, nosso amigo, nosso inspirador, Conselheiro da ADITEPP. Mas nos alegamos por saber que a lição que nos deixou, nós e outros tantos procuraremos levá-la adiante concretizando sempre mais um mundo mais humano e mais justo.

Dalí em diante, ninguém mais me seguraria. Era como se eu tivesse descoberto uma alavanca.